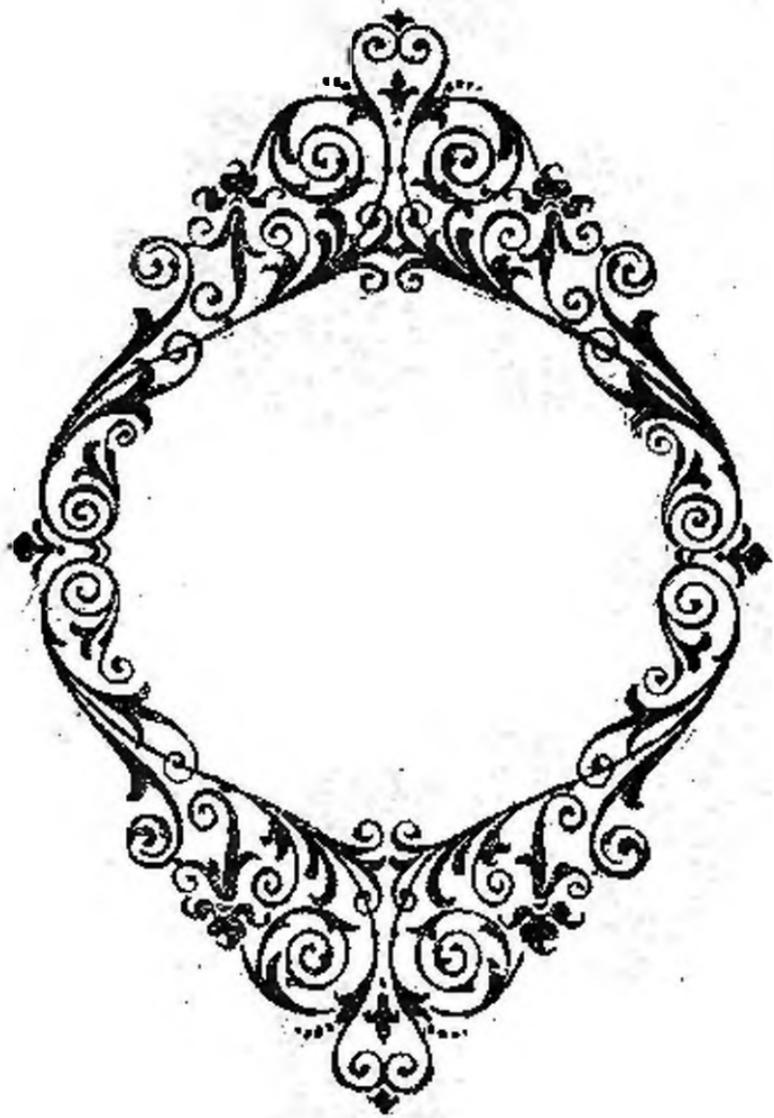


O GRANDE AMÔR



I

*Dobro os joêlhos á lampada votiva
que exhala um quente e mysterioso odôr,
que te perfuma a imagem pensativa
de rei-poeta, de apollo-inspirador.*

*Por ti sou a Belleza em fórma viva
de arte, em mil poêmas a se decompôr;
por ti do inferno faço-me captiva,
fecundada de um sonho redemptor.*

*Trazes do Oriente,
nos dois olhos de treva mal abertos,
a ancia de multidão que se presente
na vacuidade dos desertos.*

*Trazes do Oriente
o simoun a dormir, o simoun a sonhar,
na cabelleira elastecente
que em seus crêspas anneis suggere o corpo do ar.*

*Trazes do Oriente
os vasis, os interminos espaços*

*Trago meu pobre espirito suspenso
entre céos e entre pélagos profundos,
e, aos soes, que assomam dos peccados meus,*

*penso na culpa deste amôr e penso
no amôr que a Deus soube inspirar os mundos,
no grande amôr que fez do nada um deus.*

*Tu passaste a sorrir para minha agonia...
escançarei ao teu sorriso o olhar,
como quem de uma casa êrma e sombria
abre as janellas para o Sol entrar.*

*De onde viera, aonde iria
esse alguém que, passando, me sorria,
de um modo familiar?!
que importava saber? a alma sentia:
— era esse Alguem que, um dia,
havia
de passar.*

*em que me fiz beduina, a errar constantemente...
quando te abraço, julgo o Sahara nos meus braços.*

*Trazes do Oriente
a alma lendaria do rei Schariar,
accesa pelo anseio incontinente
da Belleza que attrae e encanta sem cançar...*

*Trazes do Oriente,
para que eu seja a Scheharasada tua,
a volupia do sonho... O' meu Omnipotente
Senhor! "Era uma vez..." E o enlevo continúa...*

mostrar-se toda pela minha bocca,
á seducção da tua...
mas talvez teu ouvido presentisse
uma revelação
no meu labio, a sorrir, em lyrica doidice...
porque não ha vocabulo no mundo
que traduza a emoção
desse estranho silencio de um segundo
em que as almãs se dão.

Eras o homem que passa pela vida,
como os navegadores pelo mar;
alheio á lagrima vertida

*Eras Alguem inevitavel, forte
(inutil fôra resistencia oppôr),
tinhas de vir, como ha de vir a morte,
tinhas de vir, Amôr!*

*Tu passaste a sorrir e não viste a Tristeza
alongando-te as mãos través do meu olhar,
anciosa por conter nos pobres dedos presa
a esplendida riqueza
dessa alegria que esbanjaras ao passar...*

*Mas talvez visses minha alma nua
sorrir, tambem, de uma maneira louca,*

*Por um motivo que se não explica,
o homem que passa é o que em saudade fica,
é sempre o que a memória ha de guardar.*

*na saudade que alguém soffra ao vel-o passar.
Eras o homem que passa,
e, por desgraça,
que desejo de em meus braços te guardar!...*

*Tu passaste a sorrir por um momento,
porém, nos longes do meu pensamento,
sinto que nunca mais acabas de passar..*

*O' linda bocca de alegria rica,
de que mundo te reio o sorriso estellar?!*

*O teu cabelo afagá-te a belleza,
e, vezes quantas, busco tortural-o,
de um ciume absurdo preza!*

*Ah! pudesse eu pairar na tua vida,
como essa transbordante cabelleira,
á tua formosura sempre unida;*

*a te sentir, mais que qualquer amante,
cóm o corpo ethereo das idéas tuas
vibrando sob o meu, de instante a instante!...*

*Negra, desse negror bello e medonho,
com seus anneis nervosos, serpentinos,
tua cabeça um ninho de áspides supponho.*

*Teus cabellos embriagam-me o desejo
e são tão humidos e dôces
como favos de mel para meu beijo.*

*No silencio dos lyricos momentos,
nelles absorvo, quando em quando,
Todo o perfume dos teus pensamentos.*

*pois si no teu cabelo as mãos deponho,
sinto nelle palpitar, entre meus dedos,
a plumagem das asas do meu Sonho.*



*Cabellos de desanimos e brados,
que são toda a poesia do teu cráneo,
feitos de treva mas de luz molhados;*

*feitos talvez de espirituaes desfolhos,
tão crêspos e tão finos que parecem
arôma espiralado dos teus olhos.*

*Dá-me tua cabeça e me persuade,
tendo-a, que tenho nos meus braços prêsa
a carne flammea da Felicidade!*

*A tudo quanto dizes,
com tuas inflexões varias e estranhas,
aprestam a audição astros, montanhas,
abysmos e raizes.*

*Falas tão pouco, mas te exprimes tanto,
meu pensativo Amôr,
falas tão pouco e tua voz é meu encanto,
no seu curso sensual de torrente de odôr! ...*

*Voz que de sonhos minha mente touca,
a fluir dos teus mais intimos refolhos,*

*Tua voz... Meus ouvidos
têm sempre fome de tua voz
que lembra a carne dos recém-nascidos.
Quando te quedas num silêncio atroz,
unhas aguçam, têm indefinidos
tacteios, meus ouvidos,
anciando tua voz.*

*Parece vir de muito longe
e para muito além se encaminhar:
devera ser a voz de um monge,
propria para sermões de lágrimas, ao luar.*

*sinto que as gosas, uma de outra após...
e, ao flameo ciúme que em meu sangue lava,
que ancia de ser palavra,
para desfallecer dentro de tua voz!...*

Tua fala...

*ah! pudesse nas mãos, um momento, apertá-la,
entre os dedos conter o seu corpo tremente,
seu corpo esguio
é escorregadio
de sonora serpente!...*

*não parecendo vir de tua bocca,
mas dos labios de sêda dos teus olhos.
Fulas e fico-me a sonhar,
com a vista alheia a tudo,
que tua voz me veste de velludo,
que estou ouvindo teu olhar
falar.*

*Bcijam-te a bocca rubida e ferrente,
numa ternura de mulheres,
todas, todas as phrases que proferes.
Através do meu sonho de demente,
sinto que as gosas, demoradamente,*

*Beijas-me tanto, de uma tal maneira,
bocca do meu Amôr, linda assassina,
que não sei definir, por mais que o queira,
teu beijo que entontez e que allucina!*

*Busco sentil-o, de alma e corpo, inteira,
e todo o senso aos labios meus se inclina:
morre-me a bocca, presa da tonteira
do teu carinho feito de morphina.*

*Tua fala...
mas teu labio cala
e no meu sonho uma certeza assôma:
si mergulhasse as mãos na tua voz,
para sempre as teria encharcadas de arôma,
incendiadas de soes.*

*Tuas mãos são quentes, muito quentes
(mas que arrepios,
minha carne, sentes,
aos seus macios
dêdos!...); tuas mãos são muito quentes,
mas teus afagos me parecem frios
como os esguios
corpos das serpentes.*

*Mãos leves, mãos fagueiras,
que por minha epiderme vêm e vão,
num afan de rendeiras,
través de horas inteiras.*

*Beijas-me e de mim mesma vou fugindo,
e de ti mesmo soffro a immensa falta,
no vasto vôo de um deliquio infindo...*

*Beijas-me e todo o corpo meu gorgeia,
'e toda me supponho uma arvore alta,
cantando aos céos, de passarinhos cheia...*

— que desespero de asas! —
tua mão
me maguara o coração.

Meu corpo todo, no silencio lento,
em que me acaricias,
meu corpo todo, ás tuas mãos macias,
é um barbaro instrumento
que se volatilisa em melodias...
e, então, supponho,
á orchestral harmonia de meu ser,
que teu grandioso sonho
diga, em mim, o que dizes, sem dizer.

de serão.

*Mãos leves, mãos fagueiras,
que tramam rendas verdadeiras
na minha sensação.*

*Por essas mãos é que me dizes
todas as cousas
que não ousas
dizer com a fala,
as confidencias que teu labio cala
aos meus ouvidos infelizes.*

*Com essas mãos que de voluptia, abrasas,
prendeste um dia minha mão:*

*Dos teus olhos as boccas de velludo
falam mais que teus labios ao meu gosto.
Ah! pudessem ouvir-os! dizem tudo
os poetas negros do teu lindo rosto.*

*Não saberás com que carinho estudo
esses bohemios cantores do sol-posto,
que me fazem sentir, num suave e mudo
idioma as melopéas do desgosto.*

*Tuas mãos acordam ruidos
na minha carne, nota a nota, phrase a phrase;
collada a ti, dentro em teu sangue quasi,
sinto a expressão desses indefinidos
silencios da alma tua,
a poesia que tens nos labios presa,
teu inedito poema de tristeza,
vibrar,
cantar,
na minha pelle nua.*

*Lépida e leve,
em teu labor que, de expressões á mingua,
o verso não descreve...*

*lépida e leve,
guardas, ó lingua, em teu labôr,
gostos de afago e afagos de sabôr.*

*E's tão mansa e macia,
que teu nome a ti mesma acaricia,
que teu nome por ti roça, flexuosamente,
como rythmica serpente,
e se faz menos rudo,
o vocabulo, ao teu contacto de velludo.*

*Vejo-os, tresuando luz na treva accêsa,
como dois velhos ébrios da Belleza,
juntos vivendo umã agonia calma...*

*Vejo-os, a cambalear, pelos espaços,
e que ancia de embalal-os nos meus braços,
de adormecel-os dentro da miuha alma!..*

*em que tôlo recato,
te hão deixado o louvor, a exaltação!*

— Tu que irradiar pudeste os mais formosos poemas!

— Tu que orquestrar soubeste as carícias supremas!

*Dás corpo ao beijo, dás anthera á bocca,
és o tacteio do coração,*

*és o elasterio da alma... O' minha louca
lingua, do meu Amôr penetra a bocca,
passa-lhe em todo senso tua mão,
enche-o de mim, deixa-me ôca...*

*— tenho certeza, minha louca,
de lhe dar a morder em ti meu coração!...*

*Dominadora do desejo humano,
estatuaria da palavra,
ódio, paixão, mentira, desengano,
por ti que incendio no Universo lavra!...
E's o reptil que vóa,
o divino peccado
que as asas musicaes, ás vezes, solta, atóa,
e que a Terra povóa e desporóa,
quando é de seu agrado.*

*Sol dos ouvidos, sabiá do tacto.
ó lingua-idéa, ó lingua-sensação,
em que olvido insensato,*

*faz com que o bem e o mal resumam,
língua-caustico, língua-cocaina,
língua de mel, língua de plumas?...*

*Amo-te as suggestões gloriosas e funestas,
amo-te como todas as mulheres
te amam, o' língua-lama, o' língua resplendor,
pela carne de som que á idéa emprestas
e pelas phrases mudas que proferes
nos silencios de Amôr!..*

*Lingua do meu Amôr vellosa e doce,
que me convences de que sou phrase,
que me contornas, que me vestes quasi,
como si o corpo meu de ti vindo me fosse.
Lingua que me captivas, que me enleias
os surtos de are estranha,
em linhas longas de incisiveis teias,
de que és, ha tanto, habilidosa aranha...*

*Lingua-lamina, lingua-labarêda,
lingua-lympha, colleando, em deslizes de sêda...
Força inferia ou divina*

*De ti todo meu ser está tão cheio
que me amo, que me afago, que me enleio
numa indizível illusão sensoria.*

*E abro á tua saudade braços de ancia,
desafiando os poderes da distancia,
com teus beijos mordendo-me a memoria.*

A ausencia tua é uma presença estranha,
a ausencia tua a solidão me alinda;
o silencio parece-me que é, ainda,
a tua voz que, em somno, me acompanha.

A ausencia tua torna-se tamanha
que se me faz uma presença infanda,
pois na tristeza que meus nerros ganha
sinto, de instante a instante, a tua vinda.

*Tua bocca é um vôo... Que avidex de sangue!
nunca se sacia, nunca se conforta,
deixa sempre exangue,
no seu rumo infindo,
qualquer outra bocca em que, um momento, aporta,
essa malfazeja que é um demonio lindo.*

*Tua bocca é um vôo... quanta vez de ninho
lhe serviu a minha (lembras? — que tristeza
passaro damninho
que inda me tresloucas!)...
tua plumea bocca, nos meus labios preza,
ensaiava os surtos para as outras boccas.*

*Tua bocca é um vôo de andorinha mansa;
mesmo na quietude tua bocca vôa,
vôa e não se cansa,
tem vaidades loucas,
— andorinha rubra — vive ao léo, atôa,
voando no desejo de milhões de boccas.*

*Tua bocca é um vôo... sempre, sempre esquiva,
quem, ábaso, pode ter o orgulho enorme
de a manter captiva?!
Si o languor te assume,
pelas noites, quando tua carne dorme,
tua bocca é um vôo de asas de perfume.*

*Adeus. Não me ouvirás lamurias loucas;
saberei saborear esta tortura,
que, si às horas de amôr nos foram poucas,
é na saudade que a affeição se apura.*

*Hão de te parecer de espirito ôcas
as expressões de outra qualquer creatura,
e em vão procurarás nas outras boccas
paladar para tua formosura.*

*Tua bocca é um vôo... Neste ambiente mudo,
que asas de palavras roçam-me os sentidos,
que asas de velludo!*

Tua bocca vôa...

*lembro-lhe as promessas, sinto-a nos ouvidos
a me repetir uma mentira bôa.*

*Tua bocca é um vôo... Tão distante, agora,
goso-lhe o tacteio... não a tens, Amigo:
pela ebriez desta hora
de saudade calma,
longe, de tão longe, veio ter commigo,
morcegou meus versos, absorveu minha alma.*

*Meu deserto,
és para mim
o que é para as aves o espaço:
murcham na tua ausencia
minhas asas,
saudosas dos teus longes,
saudosas do infinito da tua alma,*

*Ah! a impossibilidade
dos meus surtos,
sem as distancias iluminadas
do teu ser mysterioso!...*

*De mim distante viverás a esmo,
dias e noites, numa inutil phase
de insano desperdicio de ti mesmo.*

*E soffrerás, dentre os silencios lentos,
ancia do teu louvor na minha phrase,
fôme da carne dos meus pensamentos.*

*traze-me a liberdade,
as distancias azues;
deixa que eu possa, bem no inferno dos teus braços,
roçar o corpo pelas plumas do ether!...*

*Por ti meu sonho desfallece,
aos poucos,
de inercia, como um passaro captivo.*

*Vem com teu peito vasto,
com teu espirito incommensuravel,
dar-me a illusão,
dar-me a certeza
de que é meu todo o céo,
de que és meu todo;*

*Aguardei-te longos annos,
com a mesma avidex da gleba
pela semente...*

*tive-te em minhas entranhas,
transfigurei-te:*

és folha, és flôr, és fructo, és agasalho, és sombra...

*mas vem do meu querer invisio e obseuro,
quanto prodigalisas ao desejo
dos que te gosam pela rama.*

A arvore é bella quando a terra é bôa.

*A arvore é tão da terra quanto o sonho
é da carne que o gera.*

*Meu amôr, como soffro a volupia da terra,
atravessada pelas raizes!.*

*E's minha arvore linda,
aos céos abrindo as asas de esperança,
na gloriosa ascensão da mocidade.*

*Ninguém comprehenderá a delicia secreta
das nossas nupcias profundas.*

*Quanto mais avultares,
mais subires,
mais mergulharás em mim.*

*Si, um dia,
num arranco supremo,
numa audaz tentativa do mais alto,
tentares voar
com as aves
e com os ventos,
farrapos do meu corpo subirão
momentaneamente
contigo...
voarás...
voarás apenas por segundos,
para tombar logo depois,
vencido pelo esforço inutil,*

*Meu lindo passaro de vôos
captivos,
sobe mais, sobe sempre!
— és muito meu!
são meus os braços enleantes
dos teus abraços interiores,
é na minha alma dilacerada
que o polvo de tuas arterias
suga a seiva do orgulho,
a energia do surto.*

*Minha voz
leva lampejos de laminas
aos teus silencios.
Sou a suprema tentadora,
em minha-fórma inatingivel
materialiso o pensamento.
Passarei por tua vida
como a idéa por um cerebro:
dando-me toda sem que me possuas.*

*Guardo
os sentidos da tua formosura,
tenho-te em mim em radiosidades,*

*de asas quebradas,
agonisante;
para tombar no tumulto absorvente
da cava chaga que em meu ser deixares.*

*Meu Amôr, meu Amôr, viverei tua morte,
sou a Arte — a terra devoradora,
que dá tudo e que exige quanto dá;
ensaia os vôos, vôa, si puderes,
és mais meu do que teu, pois, quando mais não fôres,
arvore, viçarás nos meus versos eternos!*

*o thesouro por mim desvendado,
o homem
que meu amor acordou
na immobilitade
da tua inconsciencia.*

*Porque não vens
meu estatuário da volúpia,
— ha em mim linhas imprecisas
de desejo
que teu carinho deveria modelar,
tuas mãos milagrosas,*

*amo-te porque me olhas,
das tuas sombras,
com a physionomia
dos meus sentimentos.*

*Talvez outros braços enlacem teu busto,
talvez outros labios murmurem
palavras lyricas
aos teus ouvidos,
talvez outros olhos se abysmem nos teus...
Agora e sempre,
serás, apenas,
o mundo por mim descoberto,*

Porque não vens?!

— á tua vinda

fechar-se-hiam meus labios,

meus braços

e minhas asas;

ficarias em mim emtimesmado,

no aconchego de meu ser

que é tua sombra;

ficarias em mim

como a visualidade,

em minhas palpebras cerradas

para o sonho..

*emprestariam expressões inéditas
ao meu corpo malleavel...
porque não vens?!*

*Longe de mim,
és a Belleza sem a arte,
a Poesia sem a palavra;
Longe de mim sei que te não encontras,
sei que procuras inutilmente
defrontar o teu eu
no crystal de outras almas,
porque te falta o fiel espelho
da minha estranha sensibilidade.*

COLLEÇÃO INFANTIL

As Mil e uma noites 3\$000

COELHO NETTO

Sapato de Natal 1\$5000

JORGE JOBIN

O' minha infancia! 8\$000

MIMOSA FERRAZ

Travessuras de Gasparino 7\$000

HENRI ARDEL

A Ausencia	4\$000
As férias da familia Bryce	4\$000

GUY DE CHANTEPLEUR

Almas Femininas	4\$000
Sublime Renuncia	4\$000

M. MARIAN

A Casa encantada	4\$000
Odette	4\$000

FLORENCE BARCLAY

Veneno do brejo	4\$000
---------------------------	--------

Os mesmos livros encadernados, propios para presentes	7\$000
--	--------

COLLEÇÃO INFANTIL

As Mil e uma noites . . . 3\$000

COELHO NETTO

Sapato de Natal . . . 1\$5000

JORGE JOBIN

O' minha infancia! . . . 8\$000

MIMOSA FERRAZ

Travessuras de Gasparino . . 7\$000

HENRI ARDEL

A Ausencia	4\$000
As férias da familia Bryce	4\$000

GUY DE CHANTEPLEUR

Almas Femininas	4\$000
Sublime Renuncia	4\$000

M. MARIAN

A Casa encantada	4\$000
Odette	4\$000

FLORENCE BARCLAY

Veneno do brejo	4\$000
---------------------------	--------

Os mesmos livros encadernados, propios para presentes	7\$000
--	--------

POESIAS

GILKA MACHADO

Meu glorioso peccado	4\$000
O grande amor	3\$000
Poemas	6\$000

OSWALDO ORICO

Arte de illudir	3\$000
---------------------------	--------

OCCULTISMO E MAGIA

Espelhos magicos	6\$000
Magnetismo e Somnanbulismo	5\$000
Poder pessoal	3\$000
Superior curso illustrado de Hypnotismo e Somnanbulis- mo	5\$000
Tratado de Sciencia occultas.	1\$500
Como se adquire e se educa a vontade	3\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).